

Cláudio Moreira Bento (*)

O Sesquicentenário da pacificação de São Paulo e Minas Gerais por Caxias ()**

(*) Cel. R/1 Cláudio Moreira Bento - Historiador militar, sócio dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro, de São Paulo, Minas Gerais, do de Geografia e História Militar do Brasil, do Instituto de Estudos Valeparaibanos, Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da Academia Resendense de História, membro correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

(**) Estudo produzido para as comemorações do sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842 e publicado na Revista "A DEFESA NACIONAL" (Revista de Assuntos Militares e Estudo de Problemas Brasileiros) Nº 757 - Jul/Set/92, publicação da Biblioteca do Exército, RJ.

ABSTRACT

The author analyses the politics contrary to the Army which took place after April 7th, 1831 and describes, under this view point, the rise of the revolutionary period. He describes the beginning of the liberal movement and the military strategics attempted by São Paulo and Minas, as well as the stages of their respective pacifications.

RESUMO

O Autor analisa a política contrária ao Exército realizada após o 7 de abril de 1831 e descreve, sob este ângulo, o surgimento do período revolucionário. Descreve o início do movimento liberal e a estratégia militar empreendida por São Paulo e Minas e disserta sobre as etapas de suas respectivas pacificações.

Com a abdicação de D. Pedro I em 7 de abril de 1831, o Brasil viveu fase anárquica e turbulenta marcada por motins, revoltas e revoluções que só tiveram fim quatorze anos mais tarde com a pacificação da Revolução Farroupilha por Caxias, em Ponche Verde, o que significou, além, a pacificação da Família Brasileira e a preservação da Unidade Nacional seriamente ameaçada desde 1831. Nem a Maioridade de Pedro II em 1840 conseguiria reunificar a Família Brasileira, agitada por um sonho de Federação e República estimulado pelo Ato Adicional de 21 de agosto de 1834 que deu maior autonomia às províncias e fez do Brasil uma Monarquia Federativa.

O Exército foi muito perseguido e prejudicado depois de 7 de abril. Foi sutilmente afastado das cidades para "a defesa das fronteiras e do litoral" e passou a sofrer a concorrência da Guarda Nacional e das Polícias Militares, então criadas. Em realidade, o Exército foi alvo do maior esforço de erradicação de toda a sua História. Constatar é só ler o insuspeito *Em busca de identidade – O Exército e a Sociedade Brasileira*. (Rio, Forense, 1988 de Edmundo Campos, penso leitura indispensável a todo o oficial do Exército por sua utilidade). Na época em tela, as fortalezas e unidades de fronteira tiveram seus efeitos reduzidíssimos. Oficiais estrangeiros que haviam lutado no Exército por nossa Independência, Integridade e Soberania, de 1822-1831, foram dispensados do Exército, inclusive o mais tarde Mal. Mallet, atual patrono da Artilharia. Estas perseguições e injustiças geraram revoltas, motins, quarteladas por todo o Brasil. No Rio, para contê-las recorreu-se ao Batalhão Sagrado, só de oficiais, e do qual o futuro Duque de Caxias foi o subcomandante. A Farroupilha foi também uma revolta da maior guarnição do Exército depois da do Rio em aliança com a Guarda Nacional e forças econômicas (fazendeiros e charqueadores), como protesto pelas discriminações feitas ao Exército e seus membros e sobre as quais a História tem silenciado. Os líderes militares desta Revolução saíram de comandos de unidades do Exército: Bento Gonçalves, Bento Manuel, José Mariano de Matos, João Manoel de Lima e Silva (tio de Caxias), etc. De 1831-1842 haviam ocorrido as seguintes revoluções: Cabanagem

(PA, PE e AL), a Farroupilha (RS e SC), a Sabinada (BA), a Balaiada (MA) e as de São Paulo e Minas. As três últimas e mais a Farroupilha foram pacificadas por Caxias, o que lhe valeu o honroso e singular título com que foi consagrado pela História: o Pacificador.

Em 1842, disputas acirradas entre Conservadores e Liberais em Minas (Ouro Preto, Barbacena, São João del Rei, etc.), atingiram altíssima temperatura bem como em São Paulo (Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Faxina, Capivari e Curitiba). Os liberais visualizaram a derrubada do Gabinete de Ministros Conservadores sob o argumento de verem neles indícios de autoritarismo, pelas leis que criaram o Conselho de Estado, reformaram o Código Penal, chefias de Polícia nas províncias e no ato que dissolveu a Assembléia Geral. Então, os liberais paulistas e mineiros concitaram o povo a pegar em armas. E a trama revolucionária teve curso no Brasil através da sociedade secreta Clube dos Patriarcas Invisíveis. Em São Paulo o pretexto foi a substituição do Presidente da Província Rafael Tobias de Aguiar e manutenção do comandante-das-Armas e adiamento da abertura das câmaras legislativas. E São Paulo e Minas foram à revolução!

A Pacificação de São Paulo

Em 17 de maio de 1842 estourou a revolução em Sorocaba cuja Câmara proclamou Tobias de Aguiar e o ex-regente Pe. Feijó presidente e vice interinos de São Paulo. Declararam lealdade a D. Pedro II (e absolutista e oligárquico o Gabinete de Ministros).

O objetivo militar era um ataque à capital, São Paulo, para depor o Presidente que substituíra Tobias de Aguiar. E teve início a mobilização militar liberal. A Corte andou rápido. Nomeou o Barão de Caxias que acabara de pacificar o Maranhão e com carta branca para pacificar São Paulo. Caxias, com quatrocentos homens, desembarcou em Santos. Rumou logo para a capital-alvo dos revolucionários, onde chegou em 22 de maio. Ali ocupou Mogi das Cruzes, organizou a defesa da capital e bloqueou a ponte de Pinheiros que lhe dava acesso. Isolou, nas regiões de Itararé, Lorena-Guaratinguetá e Resende, os revolucionários de apoios possíveis do Rio Grande, Minas e Rio de Janeiro. A esta foram incorporadas, de 18 de junho a 29 de agosto, as localidades paulistas de Guarã, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areias e Bananal. Os revolucionários perderam tempo e não atacaram São Paulo. E Caxias tomou a iniciativa. Em dois ataques sucessivos obrigou os revolucionários a se retirarem para longe, perseguindo-os na direção São Paulo-

Campinas. Em 7 de junho deu-se o combate de Venda Grande no qual os revolucionários, com superioridade numérica, foram surpreendidos e batidos. Isto abriu caminho para Caxias investir contra Sorocaba onde entrou vitorioso em 20 de junho, não tendo encontrado Tobias de Aguiar que buscou a proteção dos farroupilhas. Encontrou, no comando da resistência, o Pe. Feijó que tentou sem êxito negociar em condições privilegiadas. Feijó foi preso com todo o respeito e afastado de São Paulo para o Espírito Santo.

Em 20 de maio Caxias mandara ao comandante militar dos revolucionários carta nestes termos, na tentativa de evitar a sorte das armas:

"Que pretende? Quer V. Sa. empunhar as armas contra o governo legítimo de nosso Imperador? Não o creio porque o conheço de muito tempo, sempre trilhando o caminho do dever e da honra... Acabo de chegar da Corte munido de autoridade para tudo aplanar. Não tenho sede de sangue de meus patrícios, porém não deixarei de cumprir meus deveres como militar. Ainda é tempo, não ensanguentemos o solo que nos viu nascer e não acendamos a guerra civil nesta bela província para não a vermos reduzida ao estado da do Rio Grande de São Pedro do Sul e sua vizinha. Responda-me e não se deixe fascinar por vinganças alheias".

Não atendido em seu apelo Caxias teve de cumprir seu dever com firmeza e doçura. Antes de retornar ao Rio e ainda em São Paulo, em 5 de julho, Caxias escreveu à esposa:

"Meu bem. Ontem te escrevi uma carta por intermédio do Ministro da Guerra remetendo-te 200 mil réis para fazeres um vestido muito bonito com que devemos ir ao primeiro baile que houver aí no Rio depois de minha chegada ...

Beijos às nossas filhas. Teu Luiz".

Segundo Vilhena de Moraes a quantia enviada para o vestido equivalia a um mês de gratificação de Caxias correspondente ao comando que recebera.

Em 13 de julho quando retornava ao Rio, em Guaratinguetá, Caxias soube de sua nomeação para pacificar Minas Gerais e com carta branca, como o fizera em São Paulo.

A Pacificação de Minas Gerais

Em 10 de junho, três dias da vitória de Caxias em Venda Grande, em São Paulo, estourou a revolta de Barbacena, cuja Câmara aclamou presidente interino de Minas ao Cel. José Feliciano e futuro

barão de Cocais. Os motivos foram os mesmos que determinaram a revolta de Sorocaba. O presidente interino tomou diversas medidas administrativas. Várias cidades aderiram à revolução e muitas outras não. A Corte temerosa de que o movimento se generalizasse pelo Brasil tomou as seguintes providências: desarticulou a possibilidade de revolta no Rio pela adoção do Estado de Sítio; convocou guardas nacionais da reserva, em licença e férias e os funcionários públicos em disponibilidade; tornou obrigatório o salvo-conduto para viagens em Minas; ordenou a prisão dos líderes do Partido Liberal, e direcionou para Minas os guardas nacionais que conseguiu mobilizar, bem como algumas unidades do Exército. Os revolucionários tiveram a pronta adesão de São João del Rei, Queluz (Conselheiro Lafaiete) e outras cidades do Sul de Minas ou ao norte e leste de Ouro Preto. Esta resistiu à revolução sob a liderança do presidente legal Bernardo Veiga que bateu os revolucionários em Mendanha (23 de junho) e Presídio (25 de junho), o que estimulou a reação à revolução. Mas apesar disso, os revolucionários dominavam a parte mais populosa de Minas e as comunicações com o Rio de Janeiro e fortificaram-se em Queluz (Conselheiro Lafaiete) e fizeram de São João del Rei a sua capital. Aí decidiram que conquistariam Ouro Preto com forças de Baependi, São João del Rei e Barbacena após se unirem ao forte das forças revolucionárias em Cataguases. Foi quando tiveram conhecimento da pacificação de São Paulo, o que provocou a diminuição da euforia inicial. A vitória que obtiveram em Queluz (Conselheiro Lafaiete) em 26 de julho acendeu a chama revolucionária. Caxias chegou a Ouro Preto em 6 de agosto para pacificar Minas. Sua fama fez os revolucionários desistirem de atacar Ouro Preto e a evacuarem Queluz. Divergências começam a dividir os revolucionários que se dirigem para o leste e conquistam, com pouca luta, Sabará, em 13 de agosto. Aí procuram negociar uma rendição condicional que não foi aceita. Inseguros, os revolucionários procuram concentrar-se no arraial de Santa Luzia que proporcionava, por sua posição numa serra, o controle de vistas e tiros sobre os seus acessos, além de apoiar um de seus flancos no rio das Velhas. Em 20 de agosto teve lugar o memorável combate de Santa Luzia vencido com dificuldades pelas forças legais que ali fizeram frente a 3.300 revolucionários, que souberam tirar grande partido tático das excelentes condições defensivas oferecidas pelo terreno. Com a vitória de Caxias em Santa Luzia teve fim a revolta de Barbacena que durou dois meses e dez dias, e que causou sérias preocupações à Corte por sua maior consistência militar.

Caxias entrou vitorioso e aclamadíssimo em Ouro Preto em 10 de setembro, tendo, em 29 de agosto, sido promovido a Marechal-de-Campo graduado (atualmente General de Divisão) com trinta anos de idade. Dois meses após, em 2 de novembro, assumia no Rio Grande do Sul a Presidência e o Comando das Armas para pacificá-la, o que aconteceria em 1º de março de 1845 com a Paz de Ponche Verde, assunto objeto de nosso livro *O Exército Farrapo e os seus chefes*, que consta do editorial da Biblioteca do Exército para este ano e no qual a ação pacificadora de Caxias é minuciosamente analisada. Enfim, as pacificações do Maranhão, de São Paulo, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul prepararam Caxias, providencialmente, para que ele conduzisse os brasileiros à vitória nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52) e contra o Paraguai (1866-68). Caxias deixou para a História Militar Mundial um exemplo magnífico de como conduzir campanhas militares contra patrícios divergentes. Em suas campanhas de pacificação viu nos adversários irmãos rebelados e não inimigos. O líder Miguel Farias, de uma revolução no Rio que ele pacificou, foi o seu chefe de Estado-Maior na Revolução Farroupilha. José Mariano de Matos, Ministro da Guerra Farrapo foi seu chefe de Estado-Maior na guerra contra Oribe e Rosas. Eis aí parte da explicação de sua maior característica segundo Taunay – “A simplicidade na grandeza”.